

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008 (172 p.)

Emanuelle Rodrigues dos Santos<sup>1</sup>

### Uma leitura de Angola para além da identidade nacional

De Angola, primeiramente publicado em 2001 pela editora Nzila, chega agora ao Brasil, através da editora Record, *Filhos da Pátria*<sup>2</sup>, de João Melo. Um livro de contos que obriga a revisitação da história literária daquele país e convida a um passo adiante nas discussões acerca de sua produção literária.

Embora ainda não possa ser considerada farta, já é rica a fortuna crítica disponível no Brasil acerca das Literaturas Africanas em Língua Portuguesa que investiga sua estreita relação com a constituição dessas nações em sua luta pela independência. No caso específico de Angola, a criação literária desempenhou papel fundamental na criação de uma narrativa que servisse como cimento social a uma base de “grupos étnicos historicamente diferenciados, integrados em universos culturais distintamente marcados” (CHAVES, 1999, p.30) que formam o país.

A diversidade étnica de Angola é um contrasenso à própria gênese europeia da ideia de nação. Como aprendemos nas lições de Raymond Williams, nação é um termo cujo uso no ocidente data do século XIII e que designava antes um grupo racial que um grupo politicamente organizado. É nesse cenário político conturbado e permeado por contradições, que emerge uma literatura engajada, comprometida com a fomentação de uma identidade angolana capaz de preencher as fissuras de uma sociedade formada por grupos étnico-culturais diversos, necessária para a formação da nação.

Esse primeiro e importante momento na história literária de Angola foi o período de grandes romances. Naquele momento, a forma romanesca do colonizador era

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo – USP. Pesquisa: *A questão da identidade na ficção em prosa de João Melo*. E-mail: emanuelle.santos@gmail.com

<sup>2</sup> MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008 (172 p.)

traduzida para um ambiente no qual, recursos como a oralidade e a criação de neologismos ajudavam a contar a história daquele novo indivíduo que nascia carente de legitimação enquanto tal. O importantíssimo papel da literatura nesse processo é ensinado também por Williams, quando definiu o verbete nacionalista como movimentos baseados na existência de um grupo político subordinado que se identifica por uma língua específica ou por uma suposta comunidade racial.

A criação de um indivíduo angolano, tão necessária para os processos político-ideológicos do país, se deu, entretanto, no momento em que a própria forma romanesca ocidental já estava em crise. Como ensina Stuart Hall, o sujeito individual, indivisível e indispensável para a constituição da identidade nacional já sofria, no mundo ocidental, um intrincado processo de descentramento reconhecido por diversos campos do saber tais como a sociologia, psicanálise e lingüística, cujas reverberações podem ser encontradas ao longo dos dez contos que compõe *Filhos da Pátria*.

Diferentemente da grande parte dos escritores angolanos, João Melo ainda não produziu um romance. Seu amplo trabalho no campo da literatura conta hoje com a publicação de dez livros de poesia, um de ensaios e quatro de contos. A respeito de *Filhos da Pátria*, a escolha da forma conto se dá pela imposição da própria matéria narrada. O indivíduo que encontramos em suas páginas é representante não de uma identidade única e homogênea, mas de múltiplas possibilidades subjetivas dentro de um país cujo processo de estruturação identitária como contraponto à dominação portuguesa já foi superado.

A expressão da subjetividade nesta obra de João Melo opera magistralmente a dupla acepção do termo que o define tanto como aquele que sofre uma ação, sendo, portanto, sujeitado, como aquele que opera a ação, sendo assim, o sujeito. Equilibrando suas histórias na tensão entre os dois pólos do mesmo termo, Melo nos brinda com uma crítica à sociedade angolana que vai muito além da vitimização do seu povo frente à barbárie colonial. Através de uma análise intimista, que examina a vida privada e sem meias palavras, compreendemos rapidamente que o algoz de Angola hoje não é outro senão o próprio angolano.

Como podemos perceber no caso desta obra, o uso do conto não se dá como opção técnica que confere tintas de africanidade à forma de expressão européia, como pode vir a ser o caso no romance. O conto em *Filhos da Pátria* se impõe pela própria tensão inerente às contradições presentes nos fatos narrados, que, caso romanceados, perderiam imediatamente sua amplitude narrativa. Embora se considere a contextualização psicológica como prejudicial à efetividade da narrativa breve como a encontramos no conto, no caso desta obra, um narrador-personagem se coloca frente ao narrador-autor reclamando para si a legitimidade de sua “bisbilhotice” e intromissão, fazendo da própria contextualização psicológica objeto narrável, parte do extraordinário e miraculoso necessário à amplitude narrativa, assim como encontramos no conto “Ngola Kiluanje” (p. 97-115). Neste caso os dois episódios nos quais o narrador-personagem interfere na história a fim de nortear o leitor acerca da questão racial em Angola, acaba por ironizar o tipo de tratamento geralmente dado a essa questão, em torno da qual gira a história desse angolano branco, fetiche africano de uma brasileira afro-descendente engajada no movimento negro carioca.

O narrador onisciente intruso que permeia a maior parte das histórias não possui qualquer compromisso com a representação objetiva dos fatos, assim como o caráter ficcional é claramente anunciado em “O efeito estufa” (p. 59-72) “[...] e embora pessoalmente não tenha grande motivos para gostar de Charles Dupret, serei obrigado (espero e confesso: com secreto gozo) a transmitir-lhes os resultados da minha investigação ficcional, se é que isso existe...”, minando assim qualquer traço de confiança entre leitor e narrador, bem como de desejo de verdade. A exposição do processo composicional, como acontece ao logo de todos os contos, se anuncia como metáfora dos processos de gerência que orquestram aquela sociedade. Assim como o narrador-autor organiza seu texto, esses processos se dão de forma anunciadamente parcial e relativizada.

Atribuindo as suas histórias uma função metonímica, na medida em que tratam do macrocosmo social através de narrativas que se encerram no microcosmo familiar, todos os contos de *Filhos da Pátria*, bem como seus conflitos, se encerram no ambiente

particular das relações ou na cisão dos indivíduos. A barbárie da dor, da fome, das violências, preconceitos e desigualdades marcam profundamente as personagens em seu íntimo. Em “Natasha” (p. 37-58) encontramos uma narrativa calcada no fluxo de consciência na qual as vozes dela e de seu marido se confundem ao contar uma história de mentiras, desilusão e frustração entre a russa e o angolano. Ela, encantada pelo mundo mágico de possibilidades que ele lhe promete, pela virilidade e volúpia física que lhe proporciona, deixa sua pátria por Angola, onde encontra uma realidade de miséria, infidelidade e mentiras, o que no mundo de referências e alusões criado por Melo, poderia ser visto como a desilusão do socialismo, traído pela Angola infiel. O mesmo acontece na realização do discurso nacionalista demagógico proferido pelas elites expresso pela história de Charles Dupret em “O efeito estufa”: um estilista de discurso nacional inflamado, que desenha roupas pretas para estrangeiros brancos e manda a filha para estudar na Inglaterra. Já a corporalidade da consciência e da ação de protesto no livro, é simbolizada pelos dois cavalos de “O cortejo” (p. 133-146), revoltados com a desigualdade social entre a família dos noivos que transportam e a população da cidade, resolve, como ato de protesto, levar o casal em disparada às mais pobres e decadentes áreas de Luanda.

Assim, através da realização dos processos sociais na vida privada, somos levados a questionar o papel de agência naqueles indivíduos, seguindo por histórias nas quais a figura opressora não mais é representada pela imagem do homem branco europeu. A figura do homem branco chega inclusive a ser vitimizada como acontece com Natasha que é iludida pelo marido negro e Ngola Kiluanje que tem a família expulsa de Angola pela simples razão de serem brancos, ainda que angolanos.

Enquanto sujeitos, “Tio, mi dá só cem” (p. 27-36) e “O feto” (p. 147-156), são os únicos contos narrados totalmente em primeira pessoa. Em ambos os casos a voz é emprestada ao oprimido, sem intermediação, violentamente e em ritmo alucinante. Nos dois contos a vida dos protagonistas é destruída pela guerra e pela fome, sendo a violência a base da formação de sua estrutura de sentimento. Nessas histórias, narradas por um menino assassino e por uma menina prostituta, respectivamente, a violência é

seu único meio de interação com o mundo. Escritos em forma de monólogos e endereçados a um *tu* que não se pronuncia, o texto parece dirigir-se diretamente ao leitor, que é colocado na desconfortável situação de testemunha inerte, experimentado a sensação de silêncio condescendente que lhe é imposto, frente a uma realidade revoltante, deslocando as tensões do texto para a subjetividade do expectador.

A fragmentação do sujeito, as tensões trabalhadas no nível da subjetividade e a relativização do ponto de vista em *Filhos da Pátria* se constituem como indicativo que não deve ser ignorado. Na medida em que aponta para uma crítica da sociedade na qual se insere, percebemos, através dessa obra, a superação do discurso de afirmação nacional frente à situação colonial. Ainda que comprometida com o social, temos aqui um exemplo da literatura de um povo já amadurecido como tal frente a dialética entre o “eu” e o “outro” que se encerra no contexto colonial, capaz de se projetar agora para uma dimensão além do nacional, certamente muito mais literária e absolutamente interessante. Um passo adiante para os estudos das literaturas pós-coloniais de língua portuguesa.